

# Indignação: entre o fim da ingenuidade e o prenúncio da tragédia\*

Cláudio Laks Eizirik\*\*, Porto Alegre

Adriana Rispoli\*\*\*, Porto Alegre

Ana Cristina Azambuja Tofani\*\*\*\*, Porto Alegre

Lúcia Chassot Rubin\*\*\*\*, Porto Alegre

Marta Helena Rubbo Pacheco\*\*\*, Porto Alegre

Regina Orgler Sordi\*\*\*\*, Porto Alegre

Cátia Olivier Mello\*\*\*\*\*, Porto Alegre

*O presente trabalho consiste num exercício psicanalítico inspirado na leitura do livro Indignação de Phillip Roth (2008). Seu principal objetivo é discutir, à luz da teoria do campo psicanalítico, a organização de um campo geracional crivado de conflitos que conduzem o herói do romance a um desfecho trágico. Inspirados na teoria do campo (Baranger & Baranger, 1961-62), os autores introduzem o tema proposto a partir de duas falas dos protagonistas da trama construída por Roth, como se estivessem se apresentando em uma sessão psicanalítica. No seguimento, apresentam algumas considerações sobre a obra e seu autor e sobre o campo criado entre o leitor e o processo de leitura. Por fim, buscam explorar, estimulados pela riqueza dramática da leitura do romance, alguns aspectos psicanalíticos sobre a trajetória do herói, cujo afastamento deliberado do convívio familiar é um disfarce inconsciente para a dificuldade de enfrentar o confronto geracional. As hipóteses psicanalíticas de filicídio e simbiose pai-filho são consideradas.*

*Palavras-chave: Phillip Roth, adolescência, campo analítico, filicídio.*

---

\* Este trabalho foi inspirado nas discussões de um grupo de estudos sobre *Campo analítico* coordenado pelo primeiro autor.

\*\* Psiquiatra, psicanalista, membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

\*\*\* Psiquiatra e membro aspirante graduada da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

\*\*\*\* Psicóloga e membro aspirante graduada da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

\*\*\*\*\* Psicóloga, psicanalista e membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

## 1. Uma ficção psicanalítica

### 1.1. Marcus Messner

“Vou me apresentar. O meu nome é Marcus, sou estudante, acho que sou. Não, sou um filho, um homem – fraco, dizem. Vou começar de novo. Sou um estudante e um soldado, sou um soldado na vida. Eu desconfio que preciso ajuda. Não sei se a doutora já sentiu isto que eu estou sentindo. É uma dor aqui no peito, um aperto tão forte que às vezes eu não consigo respirar e parece que eu vou morrer. A verdade é que eu já estou morto... porque quando a gente não sente um pedaço da gente é porque esta parte morreu. E se uma parte morre, morre tudo. Uma parte eu não sinto e a outra me consome. A senhora falou com minha mãe? Ela está preocupada porque ele acha que eu vou morrer, todos acham que eu vou morrer. Coitado, enlouqueceu. Quem é ‘ele’? Meu pai... Agora lembrei de uma coisa que eu aprendi com ele: ‘Na vida, a gente faz o que tem para fazer’. E o que eu tenho que fazer agora é tentar me acalmar, é fazer alguma coisa para não terminar de morrer, porque como ele mesmo me disse insistentemente ‘o menor passo em falso pode trazer consequências trágicas’. Não sei quando tudo começou. Tenho falado com minha mãe e ela acha que tudo começou quando eu entrei na faculdade, mas eu acho que não. Foi antes, mas ninguém viu. De uma hora para outra ele passou a dizer que eu estava correndo risco de vida, que eu não sabia me cuidar, uma loucura crescente, uma enxurrada na minha cabeça, nos meus ouvidos. Ele passou a controlar os meus horários, os meus movimentos porque, como eu lhe disse, ‘qualquer passo em falso pode terminar em tragédia’. Ele mudou tanto e eu também. Fui embora, troquei de faculdade. Conheci muita gente, todos muito difíceis, intransigentes, só o que teve de bom foi uma menina que eu conheci. Bom porque eu experimentei coisas e sensações únicas, mas... ela tinha tentado se matar. Nunca falei isto pra ninguém, mas... por que escolhi alguém que vinha com a palavra ‘morte’ na identidade dela? Por que isto me encantou? Por que me seduziu? Eu cresci no meio de facas e cutelos e meu pai sempre me deixou claro o quão assassina pode ser uma faca afiada. Não é uma ironia estar tão perto de mim? É que eu não lhe contei... como vou falar? É que ela me fazia, assim... sexo oral. Ela me fez sentir vivo, mas ela poderia ter me matado com os dentes... O cutelo está na minha família há gerações. Ela usou um, ela trazia um na alma dela. Eu sabia disto e escolhi ficar com ela. Meu avô era um açougueiro *kosher*, assim como meu pai. Talvez eu devesse ter seguido a tradição familiar e ter sido um açougueiro. Mas vê só ... cresci no meio do sangue, no cheiro de carcaça e sei

que é assim que eu vou morrer. Quando saí de casa, no fundo, foi para obedecer meu pai. É que aconteceram muitas coisas que eu ainda não contei. Desentendimentos, afrontas, provocações... Quando me envolvi com Olivia – este é o nome dela –, foi para obedecer meu pai também. É um humor mórbido, se pensarmos que já estou morto, mas sabe como é que se limpa o interior de um animal? ‘Abre o cu com um corte, enfia a mão bem fundo, agarra as vísceras e puxa para fora’. Tenho feito isto, provocando... e enfiei a mão dentro de mim, toquei no que tinha de pior e matei os sonhos de meu pai. E, talvez, ele só quisesse que eu fosse feliz”.

## **1.2. O pai**

“Eu sou o pai do Marcus. Eu vou morrer, eu não sei o que fazer. Olhe onde eu fui parar! Eu sempre fui um homem trabalhador, um homem de bem. Meu pai era açougueiro e foi com ele que eu aprendi a ser um homem correto. Sou um marido cuidadoso e sempre me preocupei com Marcus. Ele vinha bem até que começou a querer fazer as coisas pela cabeça dele. Não que eu ache que ele tem que pensar como eu, ele só tem que pensar pelo correto, pelo caminho da responsabilidade. Sempre tive medo da guerra, medo de que levassem o meu filho e ele não voltasse. Foi o que aconteceu com os meninos do meu irmão e de alguns amigos. Sempre gostei de sangue. O cheiro não é bom, mas aquela coisa morna escorrendo pela mão da gente e aquela carne bem vermelha... de alguma forma aquilo me tranquiliza. É uma forma inteligente de usar um cutelo. Ensinei tudo para o meu menino, como corta, como armazena a carne. Ele nunca quis ser como eu, sabe? Eu sempre disse que ele era meio difícil. Bom menino, mas difícil. E ele provou que estava atrapalhado. Conheceu uma mocinha muito doente que bebe e que tentou se matar! Lembro dele menino, na escola, penso nele curioso e querendo saber como eu trabalhava, a maneira correta de se proceder. Sempre foi estudioso, nunca deu trabalho, nunca, nunca uma preocupação. É bem verdade, e isto eu nunca disse para ninguém, que desde que ele nasceu achei ele um pouquinho diferente. Ele me lembrava os coelhos que eu tiro o couro e depois penduro pelas patas para que as clientes possam ver bem para depois escolher. Meu pai diria ‘seja homem!’. Era o que dizia para mim. E o M... como que ele ia saber se proteger? Como? Um coelho! Ele nunca passou de um coelho assustado. Ele corria como um coelho, tremia quando ficava com medo. Era para ser um touro como os homens da minha família. Eu sempre soube o que viria pela frente. Ele agora está na guerra e eu sei que ele está morrendo, eu sei que ele está se colocando na frente do perigo. Passei a vida fazendo força e eu venci o meu destino. Ninguém

me pega! Tenho todos os dedos e tenho uma faca afiada o dia inteiro na mão... a verdade é que fazem alguns anos que eu me dei conta de que não era eu que ia morrer. Meu pai não morreu, por que eu teria que morrer? Quando ele nasceu eu vi que teria que cuidar dele a vida toda para que nada de ruim acontecesse. Nem sei quantas vezes repeti para ele que ‘um passo em falso e a fatalidade acontece’. Sabia que precisava deixar claro isto para ele porque sabia que ele estava pronto para dar vários passos em falso. Sei que a qualquer momento vai chegar a notícia e aí o que vai ser de mim? Vou cuidar de quem? Estou me sentindo mal, muito mal! É que eu lembrei do sangue. Disse que sempre gostei, mas será mesmo? Será que era isto que eu queria para mim? Estou cansado, profundamente cansado. Estou velho, olha a minha pele, o cabelo, os meus pelos se foram. Não tenho mais o mesmo fôlego de antes. Me sinto meio morto e meio vivo. Eu queria ser um açougueiro. Só sei que achei que fazendo tudo pelo certo, cuidando cada passo dado e não fugindo da briga eu ficaria bem... e cheguei aqui. Meu filho vai morrer porque foi isto que eu soube ensinar para ele. Eu falhei com o meu sangue”.

## 2. Sobre o livro, seu autor e a interação com os leitores

*Indignação* se passa entre 1951 e 1952, nos Estados Unidos, em plena Guerra da Coreia. O temor paterno vira obsessão, e, com o objetivo de livrar-se deste tormento, o protagonista Marcus Messner entra para a Universidade de Newark. Está ansioso para se tornar adulto e independente, o que causa o temor de seu pai. Newark, todavia, é apenas um primeiro passo, pois fica muito próxima à sua família e para lá retorna diariamente. Segue vivendo sob a vigilância cada vez mais cerrada do pai, até que decide mudar-se para a Universidade de Winnesburg, onde se depara com os valores predominantes de estudantes de espírito livre, independente. Despreparado para esta nova situação, Marcus constrói uma trajetória rígida para sua vida, tentando driblar o conturbado período adolescente. Apaixona-se pela colega Olívia, com a qual tem sua primeira experiência erótica, mas acaba se desorganizando, é expulso da escola e convocado pelo exército. Morre na guerra da qual tentara escapar.

Philip Milton Roth, nascido em 1933, em Newark, é possivelmente o maior escritor norte-americano vivo. Em sua prolífica obra, aspectos autobiográficos, filosóficos, históricos, psicanalíticos, étnicos e ficcionais se fundem, constituindo um mosaico da sociedade americana e da conflitiva humana ao longo do ciclo vital (Pierpont, 2013).

O autor de *Indignação* é um racionalista ateu tanto quanto seu herói de

dezenove anos. Embora tenha um reconhecimento cálido pelo que recebe no campus de um *college* americano nos anos cinquenta, ou seja, uma educação sólida e amigos para toda a vida, os costumes sociais e sexuais daquela era continuam a ser um tema que ainda não esgotou sua indignação. Na nota histórica que encerra o livro, Roth destaca que algumas exigências de então, como frequentar os cultos, foram eliminadas vinte anos após a morte de Marcus.

Roth, além de produzir uma enorme obra literária, sempre se mostrou um personagem militante nas grandes questões de seu tempo, de seu país e do mundo. A abordagem direta e sem meias palavras da sexualidade e uma atitude ao mesmo tempo crítica e terna do mundo judaico norte-americano lhe valeram inúmeros problemas, críticas e recriminações.

*Indignação* tem a qualidade de uma fábula moral de Voltaire, *Cândido*, por exemplo. Pode ser classificado tanto como conto filosófico, à semelhança de *O animal agonizante* (2006) e *Homem comum* (2015), quanto intitular-se *A história de um soldado*. A obra pode também ser lida como um romance histórico, se considerarmos o impacto da história norte-americana no que há de vulnerável em cada um dos seus cidadãos. *Indignação* encaminha o leitor à compreensão das circunstâncias que desembocam num desfecho filicida como o único possível para os personagens. A linguagem do livro sugere violência pelo acúmulo, em sequência, de sons agudos, as quase germânicas sucessões de consoantes e vários termos duros para descrever pessoas e situações. Detalha a atmosfera de toda uma época, destacando a repressão sexual, os hábitos de controle e vigilância, a retidão provinciana. Ao mesmo tempo é um livro atemporal, pois seu enredo poderia ocorrer em outros momentos históricos, já que foi lançado, em 2008, num período de grandes protestos contra a guerra no Iraque.

A possibilidade de classificar uma obra em muitas categorias é magistralmente descrita por Borges em *A biblioteca de Babel* (1944), na qual as estantes infinitas contêm todas as combinações possíveis do alfabeto e, assim, possibilitam que todo e qualquer tipo de livro possa estar ali guardado e, naturalmente, classificado também de forma infinita. Manguel (1996), refletindo sobre a categorização das obras literárias e sua relação libertadora com o leitor, explica que a categorização de uma obra é exclusiva, mas a leitura que o leitor faz da mesma não é. Não importa em quantas categorias a obra tenha sido *aprimorada* – ficção, romance histórico, conto, parábola, ensaio – o leitor curioso e alerta resgata o livro do rótulo a que foi condenado, incluindo-o na sua forma pessoal e circunstancial de ler e compreender o que leu, transformando-o em algo único e vivo, livre de qualquer classificação. Diante de um texto, o leitor o transforma, enriquece ou empobrece e o povoa de acordo com sua ignorância, fé, inteligência,

astúcia ou iluminação, reescrevendo as palavras do autor e decifrando sua mensagem à luz do seu momento histórico-pessoal. O resultado disso é, invariavelmente, a necessidade de mudança do título da obra na mente de cada leitor, emprestando a ela uma nova denominação literária, a qual tem lugar na biblioteca infinita de Borges.

É isto, também, que se passa entre paciente e analista em cada encontro, quando o mesmo é lido à luz da teoria do campo analítico, no qual o desenrolar dos fatos durante a sessão precisa ser nomeado com títulos e subtítulos, por assim dizer, que somente fazem sentido para a dupla envolvida naquele momento histórico de vida e de tratamento.

Foi assim, pois, que os autores deste trabalho compreenderam a rica linguagem de Philip Roth: sendo capturados por sua técnica a tal ponto de sentirem-se livres para reescrever uma parte do livro sob a forma de sessão de análise. Possivelmente o impacto da obra em leitores psicanalistas, acostumados a escutar e a se identificar com as agruras da alma humana tenha aberto, em resposta ao livro, a possibilidade de imaginarem como seria o relato da vida dos dois personagens principais, se tivessem tido a oportunidade de se encontrar, ao contrário dos personagens, com um analista interessado em, ativamente, participar de sua indignação. As duas sessões ficcionais deste trabalho são, quem sabe, o campo analítico surgido na interação da obra de Roth com a experiência e o conhecimento analíticos dos leitores; algo, sem dúvida, que aconteceria de outra forma, com outros leitores.

Em suma, pode-se dizer que *Indignação* é um livro coerente com a produção de seu autor, nele enfrenta mais uma vez temas que aparecem em vários contextos, nutre-se de suas experiências de vida e dos vários momentos históricos que viveu e ilustra, como antes e depois em seus diversos livros, uma extraordinária capacidade narrativa de prender o leitor de forma intensa, fazendo-o identificar-se com os personagens e seu drama, com uma criatividade que parece não ter fim, generosamente aquecendo-lhe a alma, surpreendendo-o com histórias cheias de humanidade.

### **3. Uma visão psicanalítica de *Indignação*: o filicídio**

*Indignação* organiza-se em torno de quatro núcleos: a família, a universidade, as confrarias e o amor de Olívia. O inimigo externo, a Guerra da Coréia, é uma sombra que paira, como um simulacro da morte, emprestando o sangue da adolescência ao campo de batalha. É, também, uma metáfora dos perigos

que circundam a vida daquela família constituída em bases tanto sólidas quanto frágeis, alicerçada na tradição religiosa, na ética do trabalho e na comunhão entre iguais. Esta guerra reflete a mentalidade de uma sociedade dualista tal qual a cultura da família de Marcus: ou ele é o filho bom, sob controle e proteção do pai, ou um rapaz para sempre perdido e consumido por todo o mal que a sociedade tem a oferecer.

A primeira fase de sua vida coincide com a primeira imagem, aquela do filho que forma um par identitário com a figura paterna, sem diferença entre as gerações. Kancyper (2013), ao ampliar o conceito de campo psicanalítico para o estudo das patologias geracionais, adverte para a sutil transformação, quando o ato de transmitir os valores familiares, que pressupõem um ato de complementaridade, se transforma em negação das diferenças.

Marcus cresce, mas, ao começar a adolecer, vive um primeiro golpe. Ao invés de ele trancar a porta do quarto, impedindo a passagem dos pais, é o pai que lhe tranca a porta da casa. Após uma festa, o jovem Marcus volta em horário impróprio segundo as exigências do pai e encontra a entrada barrada para ele. A imagem pode ser traduzida como a de um jovem escorraçado da infância sem ter tido tempo suficiente para amadurecer. Busca, então, outro pai. Winesburg, a nova universidade, professa outra fé que não corresponde aos ideais e valores de Marcus, mas é igualmente fechada e protegida dos perigos de fora e isto o tranquiliza. No seu interior funciona uma sociedade cheia de fissuras, mas estabelecida sobre bases sólidas. Marcus não precisa pensar essa sociedade desde que ela não interrogue sua ideologia. Vê-se destinado a crescer na retidão e ser um bom soldado, mas longe dos horrores da carnificina.

Seu movimento de saída de casa cria, no leitor, uma ilusão de libertação dos compromissos geracionais de continuidade e negação de diferenças. Pode-se pensar no desejo parricida de Marcus, que matou os sonhos do pai, e também no filicídio do pai na sua tentativa de inibir os projetos do filho. Há uma dificuldade na construção de um espaço psíquico diferenciado e vivo. O pai diz que o filho já nascera diferente e provara estar atrapalhado.

Kancyper (2006) descreve que os pais, o filho e os irmãos implicados na estrutura edípica como um campo de forças não podem descrever-se e nem entender-se como pessoas isoladas, mas como uma totalidade estruturada, e que a dinâmica resulta da interação de cada integrante e os outros, numa causalidade recíproca, dentro de um mesmo processo dinâmico. Esta é uma temática já abordada por Freud (1897) na *Carta 71*, quando descreve para Fliess o desejo erótico do filho pela mãe e o desejo parricida pelo pai. Alerta que, para cada filho incestuoso e parricida, há um pai castrador que instala a lei. Não podemos esquecer,

portanto, que, na história do mito de Édipo, há a tentativa de filicídio praticada por Laio.

Kancyper (2006) também aponta que Freud, baseando-se na tragédia de Sófocles, apresenta Édipo como o agente perpetrador que atua os desejos parricidas e incestuosos, enquanto, no relato mítico, Édipo é, em realidade, uma mera vítima de uma história de remorsos e ressentimentos concernentes a Laio (p. 130).

Raskovsky (1967) introduz o termo filicídio para evidenciar que, na tragédia edípica, o parricídio e o incesto constituem o conteúdo manifesto e o filicídio o conteúdo latente e o elemento genético de todo o processo. Sustenta que as razões que impossibilitaram Édipo de elaborar a repressão do incesto e o parricídio haviam sido a falta de identificações adequadas com aspectos bons de seus objetos iniciais, que se caracterizaram por uma natureza extremamente persecutória e idealizada e configuraram uma fixação esquizoparanoide:

Suas intensas defesas maníacas o levaram, através do uso da renegação, a matar o seu pai e viver maritalmente com sua mãe; a dissociação idealizada dos pais persecutórios, Laio e Jocasta, aparecem na forma de seus pais substitutos, Pólibo e Mérope, cuja existência constitui uma novela típica familiar baseada em tal idealização (p. 131).

O comportamento que se pode observar é resultado de uma inversão de papéis: o agredido se torna agressor. O sujeito enfrentando um perigo externo identifica-se com seu agressor, reassumindo a agressão na mesma forma, imitando física ou moralmente o agressor, adotando símbolos de poder que o designam.

Com efeito, sabe-se que, se na infância ocorrem muitos lutos (pelo corpo infantil, pelos pais da infância e pela própria identidade infantil), na adolescência espera-se que ocorra um assassinato, ainda que simbólico, das imagos parentais (Blos, 1984). Tanto o jovem precisa assassinar simbolicamente os pais idealizados da infância quanto os pais precisam aceitar serem destituídos de seu lugar ideal de adultos onipotentes e capazes de proteger e prevenir qualquer dano ou dor psíquica ao filho, a fim de que outro adulto possa surgir com sua identidade própria, diferente da dos pais.

Os personagens de *Indignação* não só não realizam esta tarefa como a invertem: se há um assassinato simbólico, não é do pai pelo filho, mas sim da subjetividade do filho pelo pai, de seu direito de escolher o seu modo de ser e agir. O contexto da guerra da Coréia (assim como em todas as guerras) alude ao filicídio dos jovens americanos pela pátria, situação que deixa o leitor mais envolvido a cada página.



#### **4. Elaboração e destino das identificações e desidentificações na adolescência**

Cabe destacar clinicamente que, para a elucidação e elaboração do complexo de Édipo, deve-se observar a historização na situação analítica dos desejos e identificações provenientes de outras gerações que recaem em cada sujeito e de que modo o filho participou e participa desses contratos identificatórios. Uma das tarefas do processo analítico se centrará em fazer consciente e historizar de que modo os pais reconhecem ou não a alteridade do filho. Além disto, será necessário colocar em evidência como os desejos e identificações provenientes dos complexos paterno, materno e parental se manifestam na realidade psíquica do sujeito e de seus progenitores e como estes tentam impor e recobrir com suas histórias a identidade do filho e impedir que esta se constitua. Será função do filho atravessar o intrincado trabalho de elaboração do reordenamento do enigmático sistema das identificações que o constituem – e o alienam em situações traumáticas de outras gerações que não lhe dizem respeito – para logo alcançar a permanente e interminável construção, desconstrução e reconstrução do seu processo de identidade. Uma das operações mais necessárias e mais dolorosas do desenvolvimento é a retirada da autoridade parental.

Clinicamente, as pessoas podem se agrupar em três categorias, segundo se confrontem ou não com seus genitores e irmãos: a) os que são incapazes de se confrontar com os pais e irmãos; b) os que se perpetuam em uma interminável confrontação através do desafio tanático da provocação; c) os que superam o desafio tanático e conseguem alcançar o desafio trófico, cujos efeitos estruturantes são necessários para a realização da separação-individação. Para Kancyper (2006), a confrontação geracional deve ser tomada em uma visão conjunta, produto de uma relação intersubjetiva na qual os pais e os filhos se definem uns pelos outros dentro de um campo dinâmico.

Este campo (Baranger, 1992) é uma estrutura distinta da soma de seus componentes – como uma melodia é distinta da soma das notas – e origina uma fantasia inconsciente básica que, como produto do campo, se enraíza no inconsciente de cada um de seus integrantes. Esta fantasia inconsciente básica é uma produção original e originada no campo e, por sua mediação, estrutura sua dinâmica, incluindo zonas importantes da história pessoal dos participantes, que assumem um papel imaginário estereotipado.

Mas, em certas situações, a relação estruturante perde seu caráter transicional e permanece detida, como que instalada num vínculo ambíguo e viscoso entre pai e filho, configurando-se entre ambos uma interminável simbiose patológica. Nesta

simbiose patológica entre pai e filho se perde a função paterna cirúrgica, de corte da díade pré-edípica com a mãe e gera-se uma grave neurose, predominando um vínculo dual e atormentado com a figura paterna.

## 5. O baluarte de *Indignação*: a simbiose pai-filho

A simbiose pai-filho seria, para Kancyper (2006), a resultante de uma interação quanto aos papéis e funções que cada um dos integrantes exerce na estrutura familiar. O pai exerce grande atrativo sobre o filho por suas constelações psicológicas. Em *Indignação*, trata-se de um pai que só ama a si próprio. Não necessita amar, mas ser amado e aceitar que o filho preencha esta condição. É um pai cuja onipotência encobre uma insaciável necessidade de reafirmação narcísica, sendo para tal fim depositário de veneração.

O filho, aderido a tal simbiose, vive impossibilitado de superá-lo, porque atentaria contra a fantasia do corpo fusionado de um deus continuado no filho eterno, acarretando o perigo da ruptura do pacto que conduziria a fantasias de fragmentação, de abandono e de morte de ambas as partes comprometidas: “Com você, filho, não posso viver; sem você, morro”.

Cria-se, portanto, uma relação de dependência adicta, recíproca e irrefreável, com o pai erigido como droga e indutor, no filho, de sua fascinação narcísica adicta, permanecendo ambos em um reconhecimento de báscula de intercâmbio de papéis. Como uma adição a drogas, a relação pai-filho é passional, ao mesmo tempo amorosa e despótica, de temor e submissão do sujeito ao objeto. Objeto que inibe o deslocamento para outros objetos, detendo e retendo tanto sujeito quanto objeto em uma circularidade repetitiva e em uma temporalidade singular. A simbiose do filho com o pai apresenta uma dupla origem: objetal e narcísica. Objetal, como uma tentativa de restituir, mediante o pai, uma relação pré-edípica insuficientemente estruturada. Narcisista, com a finalidade de neutralizar uma autopercepção desvalorizada, sem defesas, que leva o filho a fugir para o refúgio de uma imagem fusionada com o pai eterno, sustentado e supervalorizado, que finalmente o detém em estruturas diádicas, interferindo em sua passagem para a triangulação. É talvez nessa sutileza que o estudo do campo analítico aplicado ao confronto geracional – e, particularmente neste trabalho, partindo da ficção literária – se nutre da riqueza deste conceito.

O campo analítico é um terreno comum entre paciente e analista que gera fenômenos originais, diferentes tanto daquilo que pode ser observado em cada um dos membros quanto da soma das contribuições de cada um deles para isso.

Nesta perspectiva, o objeto de estudo não é o paciente, nem sua interação com o analista, e sim o campo da situação analítica como produtor de fenômenos e patologias originais (Baranger & Baranger, 1961-62).

Não se trata, entretanto, conforme descrevemos em trabalho anterior (Knijnik, *et al.*, 2012), de um jogo de palavras compreender o que se passa durante o trabalho entre paciente e analista como um campo no qual ambos se definem, na medida em que dele participam suas subjetividades de forma ativa. Com efeito, pensar em termos de campo analítico é diferente de pensar em termos da dinâmica da transferência-contratransferência. O conceito de campo nos permite pensar que as dificuldades que surgem no relacionamento analítico de modo bidirecional não se devem à responsabilidade do paciente ou do analista, à resistência de um ou de outro. Representam uma patologia específica de uma estrutura intersubjetiva fruto de transferências cruzadas, de identificações e contraidentificações projetivas.

Uma grande mudança que se observa é com relação ao enfoque do trabalho do analista que, por intermédio de um segundo olhar, procurará conhecer qual é a fantasia básica ativa no campo e como cada um se relaciona e se posiciona nesta estrutura, de modo a permitir uma oscilação entre alienação e subjetivação a cada ciclo de cristalização/movimento do e no campo, contribuindo assim para que ambos saiam conhecendo mais a si mesmos. Evidentemente, devido à assimetria do relacionamento, o processo de subjetivação e conhecimento sobre si deve ser mais significativo e amplo no polo do paciente do que no polo do analista. Vemos, entretanto, o desagradável que há em tudo isso, pois implica numa nova revolução copernicana, por assim dizer, na qual o analista deixa de ser o deus-sol e passa a contribuir *tanto quanto* o paciente (a partir de sua equação pessoal) para os desenlaces tróficos e destrutivos do vínculo terapêutico.

Nesta contínua oscilação entre abertura e repetição, entre paralisação no campo e movimento, forma-se uma estrutura inconsciente presente em todo relacionamento terapêutico que tem uma função de refúgio, de *imunidade parlamentar ou diplomática* por assim chamar, a qual pretende, onipotentemente, proteger os membros da dupla de entrar em contato com estados muito primitivos tais como desvalia, vulnerabilidade e desamparo: o baluarte. O *baluarte* é aquilo que o analisando inconscientemente não quer colocar em jogo e que é penoso também para o analista enfrentar em si e, por consequência, com o seu paciente. Assim, é provável que o baluarte tangencie os limites terapêuticos de cada dupla. O enfrentamento e eventual desmistificação e destruição do baluarte vão depender das possibilidades de cada dupla paciente-analista de elaborar angústias primitivas (Knijnik, *et al.*, 2012).

Os conflitos de Marcus remetem à condição principal para a aquisição da

identidade, quando se necessita da presença do outro, nem brando e nem arbitrário, que permite a tensão da diferença entre opostos, enquanto ambas as partes admitem que ser adversário não equivale a ser inimigo. A necessidade que se apodera do adolescente neste momento é a de deixar de ser através dos pais e irmãos, para chegar a ser ele mesmo. Isto requer o abandono da imagem idealizada e arcaica parental para encontrar novos ideais, mais adequados à sua realidade.

Devido à dificuldade de conscientização e abordagem pela dupla, uma das peculiaridades do baluarte é, por definição, a sua característica de cristalização aliada ao clima de imobilidade que se cria na análise, pois, de acordo com Baranger, Baranger & Mom (1982), o baluarte sempre renasce de formas diferentes, sendo o mais conspicuo sinal clínico da compulsão à repetição. Poderíamos pensar que um dos baluartes tratados no romance diz respeito à não adequada elaboração, por parte da dupla paterno-filial, dos diversos significados inerentes às tarefas evolutivas e à necessária resignação às mesmas.

Na adolescência – e na situação particular de Marcus – angústias confusionais e despersonalização surgem pela necessidade de ordem e articulação. O Superego adolescente impõe o tabu do incesto e permite a sexualidade exogâmica. Nesta etapa o adolescente necessita desprender-se das primeiras relações de objeto, suavizando as imagos parentais proibidoras e reconciliando-as com outras de pais mais reais, sexualmente ativos e continentais, que o confirmem na sua identidade sexual.

Kancyper (1999) destaca que o jovem e seus genitores assistem passivamente à erupção das mudanças corporais e sexuais. O ato de confrontação adolescente pode desencadear no adulto uma atitude de oposição, porque impõe o enfrentamento com sua própria vergonha, culpa e covardia ao comprovar seu fracasso.

Messner pai, por sua vez, precisa enfrentar uma das principais tarefas evolutivas do processo de envelhecimento que é a de encontrar reparação para as perdas biopsicossociais inevitáveis. Algumas das perdas mais frequentes nesta faixa etária são a saúde física, a diminuição das capacidades, a perda das companhias e a perda do cônjuge. A perda do trabalho, o declínio do padrão de vida e a diminuição das responsabilidades também são sentidos por alguns velhos como importantes (Eizirik, 2013). Para Messner pai não foi possível uma adequada elaboração desta etapa da vida, em função de sua relação dominada pela identificação projetiva. Com a intenção onipotente de proteger Marcus de todo o mal (morte), passa a viver a vida do filho, sem conseguir enxergar além da compulsão à repetição.

Pode-se pensar que o pai de Marcus vive o nascimento do filho como se o

mesmo fosse dar continuidade ao seu sangue, seu ofício, seu pensamento, enfim, sua imagem e semelhança. Ele sente-se ameaçado e contrariado pelo questionamento quase que silencioso de Marcus que decorre naturalmente de seu desenvolvimento. Como poderá tolerar um filho que não seguirá um destino já pré-determinado e, aparentemente, seguro dessa família?

Sentimentos como raiva, ingratidão, inveja, medo, insegurança entre vários outros tomam conta dos pensamentos deste pai que se considera zeloso pelo futuro do filho, porém sem poder se dar conta dos aspectos ditatoriais que permeiam fortemente esta relação (Klein, 1946). Com a morte real do filho a vida perde o sentido. O sentimento de perda é mencionado por Freud quando refere que a pessoa sabe quem perdeu, mas não sabe o que perdeu com ele (Freud, 1917). Para Messner pai este sentimento é devastador. Pode-se entender que ele perde o filho, porém, sobretudo, perde o seu próprio projeto narcísico.

Muitas vezes, pelo despreparo para lidar com tantas surpresas carregadas de uma força emocional quase incontrolável, a adolescência pode representar um momento trágico da vida. Segundo Kancyper (2007), representa “o fim da ingenuidade” (p. 22), porque é uma fase que requer sacrificar a ingenuidade inerente ao período da inocência, da sexualidade infantil e o lugar do jogo enigmático das identificações alienantes e impostas à criança por outros. Para sair da posição de ingênua vítima da infância, a criança deve processar as identificações, adquirir conhecimento, reordenar o herdado e, assim, dar à luz seu projeto sexual e vocacional.

A trajetória de Marcus, que conduz a um final trágico, força o leitor a olhar retrospectivamente para suas crenças e ideais tão rigidamente defendidos e a questionar o tênue equilíbrio entre saúde emocional e a fuga desesperada para a liberdade, sem o desenvolvimento da continência interna e externa. Este é um dos grandes problemas enfrentados no romance – bem como no campo analítico – pois se cria uma cristalização em lugar de se acompanhar as transformações e suportar seus lutos e o reordenamento das identificações e ressignificações.

Aferrar-se a uma nova fé e, na situação de Marcus, à fé no conhecimento – que promete uma nova posição para seu futuro – pode refletir a intensa necessidade de diferenciar-se do pai. Ao mesmo tempo reflete a imaturidade essencial da adolescência do jovem protagonista, que precisa atravessar solitário a tênue linha entre o adversário e o inimigo. É importante destacar que é no encontro sexual com Olívia que Marcus fala pela primeira vez em morte. O leitor fica confuso ao ler o que Marcus diz: “...e mesmo morto como estou agora e tenho estado sei lá por quanto tempo” (p. 47) no exato momento em que ele descobre o sexo, o prazer, a paixão carnal.

Marcus busca sair da infância para uma nova fase de vida, mas, ameaçado pelos desígnios paternos, fracassa nesta tentativa, desorganiza-se, é expulso da escola e acaba sendo convocado pelo exército. Morre na guerra, da qual tentara escapar. Para enfrentar a paixão por Olívia não há livros e nem conhecimento que o protejam; agora é um jovem que recém nasce para viver outra, e turbulenta, dimensão. Sobretudo, não consegue vencer os obstáculos, nem ter clareza das armadilhas inconscientes expressas pela fantasia de que nada deve mudar na família Messner. Para Messner pai, a continuidade geracional implica em tomar qualquer diferença como algo a ser eliminado.

## 6. Considerações finais

Marcus Messner buscava, então, algo impossível de se conquistar? Pode-se pensar, voltando à ficção psicanalítica, que alguns aspectos da entrevista do pai revelam um profundo ódio pelo filho e uma condenação infligida. A partir da profecia do pai, que ficou como uma marca de nascença, *desde que ele nasceu achei ele um pouquinho diferente... ele me lembrava os coelhos que eu tiro o couro e depois penduro pelas patas*, Marcus tenta fugir de várias maneiras deste destino, mas acaba fracassando. Envolve-se com Olívia, que também carrega a morte no corpo.

No universo psicológico da família Messner não há lugar para as diferenças, e o rito transgeracional de fazer da vida atual o mesmo que seus antepassados fizeram constitui a única garantia de existência. Como poderia um filho desafiar este selo de identidade? O que o trágico enredo da novela nos mostra é que um corte na cadeia de crenças e práticas transgeracionais expressa um corte muito mais visceral.

Todo este processo fracassa na dupla Messner filho – Messner pai, uma vez que, às incertezas de Marcus, soma-se o olhar do pai que o incapacita para uma vida adulta, de livre escolha. Marcus afasta-se fisicamente do pai para tentar viver uma independência ainda não adquirida internamente. Transforma-se em um homem adulto apenas fisicamente.

Tanto Marcus quanto Olívia, sob vários aspectos, encenam o fracasso desta turbulenta passagem que é a adolescência. Ele é expulso da Universidade, da casa do pai, do pai substituto que foi Winnesburg, vai para a guerra e para a morte. Quanto a Olívia, desaparece do romance, possivelmente tendo se matado ou passado o resto de seus dias em um sanatório.

Psicanálise e literatura nutrem-se mutuamente, desde que Freud utilizou

personagens e situações mitológicas e literárias para ilustrar e nomear conceitos ou avançar no conhecimento do funcionamento psíquico. Nas décadas seguintes, sucessivos autores, tanto de um campo do saber como do outro contribuem para este diálogo mutuamente fertilizador. Com *Indignação*, assim como com o conjunto de sua obra, Philip Roth nos estimula a seguir adiante nessa conversação, entrelaçando fatos de nosso mundo interno e eventos da realidade externa, compondo uma teia de fatos, fantasias, desejos e significados. Esperamos, com este exercício psicanalítico, ter contribuído para este diálogo, em nossa dupla condição de leitores e psicanalistas. □

## **Abstract**

### ***Indignation: between the end of naivety and the beginning of tragedy***

This paper is a psychoanalytic exercise encouraged by the reading of the book *Indignation* by Philip Roth (2008). In light of the psychoanalytic field theory, the authors discuss the organization of a conflictual generational field that eventually leads the novel's hero to a tragic outcome. Inspired by field theory (Baranger & Baranger, 1961-62), they start by imagining how the two main characters of the book would talk about themselves to an analyst in a psychoanalytic session. Next, some thoughts about Phillip Roth and his work are presented, as well as the field that was created between the reader and the reading process. Finally, moved by the dramatic richness of the novel, the authors investigate some of the psychoanalytical aspects about the hero's trajectory, whose deliberate departure from his family was an unconscious disguise for the difficulty in facing the generational confrontation. The hypotheses of filicide and father-son symbiosis are considered.

Keywords: Phillip Roth, adolescence, analytic field, filicide.

## **Resumen**

### ***Indignación: entre el fin de la ingenuidad y el prenuncio de la tragedia***

El presente trabajo consiste en un ejercicio psicanalítico inspirado en la lectura del libro *Indignación*, de Phillip Roth (2008). Su principal objetivo es discutir, a la luz de la teoría del campo psicanalítico, la organización de un campo generacional minado de conflictos que conducen al héroe de la novela a un

desenlace trágico. Inspirados en la teoría del campo (Baranger & Baranger, 1961-62), los autores introducen el tema propuesto a partir de dos intervenciones de los protagonistas del argumento construido por Roth como si estuvieran presentándose en una sesión psicoanalítica. Acto seguido, plantean algunas consideraciones sobre la obra y su autor y sobre el campo creado entre el lector y el proceso de lectura. Por último, buscan explorar, estimulados por la riqueza dramática de la lectura de la novela, algunos aspectos psicoanalíticos sobre la trayectoria del héroe, cuyo alejamiento deliberado de la convivencia familiar es un disfraz inconsciente de la dificultad de enfrentar el conflicto generacional. Las hipótesis de filicidio y simbiosis padre-hijo son manejadas.

Palabras clave: Phillip Roth, adolescencia, campo analítico, filicidio.

## Referências

- Baranger, M. & Baranger, W. (1961-62). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 4 (1): 3-54.
- Baranger, M. (1992). La mente del analista: de la escucha a la interpretación. *Revista de Psicoanálisis*, 49: 223-236.
- Baranger, W., Baranger, M. & Mom, J. (1982). Proceso y no proceso en el trabajo analítico. *Rev. Psicoanál.*, 39 (4): 527-49.
- Blos, P. (1984). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Borges, J. L. (1944). *A biblioteca de Babel. Ficciones*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- Eizirik, C. L. (2013) A velhice. In C. L. Eizirik, & A. M. S. Bassols, *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1897). Cartas a Fliess. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Manuscrito N*, (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Freud, S. (1917). Luto e melancolia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 14, pp. 243-263). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Kancyper, L. (1999). *Confrontação de gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kancyper, L. (2006). La relación preedípica padre-hijo en la obra de Jorge Luis Borges. In *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 102: 121-148.
- Kancyper, L. (2007). *Adolescencia: el fin de la ingenuidad*. 1 ed. Buenos Aires: Lumen.
- Kancyper, L. (2013). *Campo analítico: um conceito clínico*. Porto Alegre: Artmed.
- Klein, M. (1946). Notas sobre algunos mecanismos esquizoides. In *Envidia y gratitud y otros trabajos*, (Vol. 3). Buenos Aires: Paidós, 1987.



- Knijnik, J., Rispoli, A., Tofani, A. C. A., Mello, C. O., Rubin, L. C., Pacheco, M. H. R. & Eizirik, C. L. (2012). Baluarte, surpresa e comunicação no campo analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(1): 150-161.
- Manguel, A. (1996). Ordenadores do universo. In *Uma história da leitura*. (pp. 215-228). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Nader, C. (2015). *Homem comum*. Filme [DVD]. São Paulo: Vitrine Filmes.
- Pierpont, C. R. (2013). *Roth unbound*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Rascovsky, A. (1967). *O filicídio*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- Roth, P. (2006). *O animal agonizante*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Roth, P. (2008). *Indignação*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em 29/02/2016

Aceito em 23/03/2016

Revisão técnica de **Patrícia Lago**

**Cláudio Laks Eizirik**

Rua Visconde do Rio Branco, 708  
90220-230 – Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: ceizirik.ez@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA